

ISSN 2447-4177



ARQUIVO EM CARTAZ 2020
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Memórias do tempo presente

registros da pandemia



**Memórias do
tempo presente**
registros da pandemia

Copyright © 2020 Arquivo Nacional
Praça da República, 173
20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefones: (55 21) 2179-1253



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons – Atribuição CCBY 4.0,
sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que
mencionada a fonte.

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Justiça e Segurança Pública
André Luiz de Almeida Mendonça
Diretora-geral do Arquivo Nacional
Neide Alves Dias De Sordi



Coordenadora-geral de Acesso e Difusão Documental
Luana Farias Sales Marques

Coordenador-geral de Administração
Leandro Esteves de Freitas

Coordenadora-geral de Gestão de Documentos
Mariana Barros Meirelles

Coordenadora-geral de Processamento e Preservação do Acervo
Aluf Alba Elias

Coordenadora-geral regional no Distrito Federal
Larissa Candida Costa

Coordenador de Documentos Audiovisuais e Cartográficos
Antonio Laurindo

Coordenadora de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo
Leticia dos Santos Grativol

Coordenador de Preservação do Acervo
Tiago César da Silva

Realização
Arquivo Nacional

GRUPO DE TRABALHO ARQUIVO EM CARTAZ

Coordenação-executiva
Antonio Laurindo
Sylvana Cotrim Lobo

Curadoria
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

REVISTA ARQUIVO EM CARTAZ

Edição
Antonio Laurindo
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

Preparação de originais e revisão
José Claudio Mattar
Mariana Simões

Pesquisa de imagens
Antonio Laurindo
Januária Teive de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação
Alzira Reis

Arte da capa
Simone Kimura

Imagem da capa: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_06158_026

novembro | 2020



ARQUIVO EM CARTAZ 2020

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Apresentação	5
Antonio Laurindo Cadu Marconi Januária Teive	
Breve relato de dias de pandemia	9
Marcus Vinicius Pereira Alves	
A experiência da escassez no audiovisual feito na e pela periferia	16
Wilq Vicente	
Do alto de uma janela um tecido preto se balança pelos ares: mulheres e Covid-19 no Brasil	29
Melissa de Oliveira Pereira	
Uma visão da (in)justiça: arquivos de Harvard produzem um fruto estranho	40
Jarret M. Drake	
A canção no tempo pandêmico	45
Rafael José Azevedo	
Museu de um mundo estilizado: cartografia de um tempo pandêmico	57
Monica Klemz	
Sobre a pesquisa de imagens em produções culturais: um breve relato	68
Priscila Serejo	
De relatos a coleção: testemunhos do isolamento	78
Beatriz Kushnir	
Acervo, pandemia e televisão: relato de experiência na TV Globo	88
Ester Eiko Duarte Kimura	

**FECHADO
POR FALTA DE
GARANTIAS.**



Apresentação

Antonio Laurindo
Cadu Marconi
Januária Teive
Editores

Em março deste ano, havia aqueles que iriam a um show na sexta com os amigos, mas a apresentação foi cancelada. Era aniversário de alguém no sábado, um churrasco. Adiado indefinidamente. Também foi assim com a ida ao estádio para ver o clássico regional. Aquele filme que estrearia nos cinemas – para o qual os amigos tinham combinado de ir – não estreou, pois sala de cinema lotada virou a definição do perigo distópico. E a palavra de ordem mais sensata, contramão das orientações de praxe dos movimentos sociais, era “fique em casa”.

Esse passou a ser nosso dia a dia, assolado por um vírus desconhecido, o Sars-CoV-2, que chegava não só ao Brasil, mas a todo o continente latino-americano, depois de ceifar vidas na Europa e na Ásia. Das nossas vivências cotidianas – o show, a boate, a festa com amigos, o cinema, o futebol – muitas se tornaram perigosas, pelo medo da contaminação. Se, pelo lado individual, o lado do espectador, do consumo, essas pequenas alegrias se tornaram inviáveis, há o lado de quem produz, toca, filma, joga, enfim, trabalha. Cadeias de produção no campo da cultura, da arte, da memória tiveram que se reinventar, ou mesmo paralisar suas atividades.

Quando se fala em trabalho, há quem não pôde ficar em casa. Profissionais da saúde, do essencial Sistema Único de Saúde, o SUS, entregadores, trabalhadores de farmácias e supermercados tiveram que se expor aos riscos em nome da vida coletiva. Com os transportes drasticamente reduzidos, houve dias em que as ruas da cidade, ou pelo menos aquelas do centro político e comercial, estavam desertas: silenciosas, vazias, cenário dos piores filmes de apocalipse zumbi. Com uma diferença: o filme acaba em aproximadamente duas horas. As consequências de uma pandemia, nos traumas e na economia, terão ainda bastante sobrevida.

Diante deste ano tão confuso, tentamos constantemente sistematizar o mundo em nossas cabeças e dar vazão à vontade de debater, de ver, de sentir. É nesse sentido que organizamos o Festival Arquivo em Cartaz, pela primeira vez em formato online, mas mantendo suas diversas iniciativas: Mostra Competitiva, Oficina Lanterna Mágica, Arquivo Faz Escola, Arquivos do Amanhã, oficinas técnicas, mesas de debates. Todas realizadas através das telas.



A revista Arquivo em Cartaz 2020 também volta seus esforços, em sua sexta edição, para entender o impacto da pandemia em nossos registros, produções, imagens e trabalho com arquivos. Pôr em ordem, tentar compreender, é tarefa coletiva de nossas instituições públicas e privadas ligadas à pesquisa e à memória. É, portanto, um funcionário do Arquivo Nacional que dá o pontapé inicial à nossa revista neste ano: Marcus Vinicius, servidor da equipe de Processamento Técnico de Documentos Audiovisuais, Sonoros e Musicais, escreve um relato pessoal e corajoso sobre a rotina do trabalho em casa, misturando labuta e afeto, dificuldades e resultados.

O artigo seguinte, de Wilq Vicente, faz um apanhado da produção audiovisual recente sobre o universo da periferia brasileira. Parte de uma arqueologia das abordagens negras e suburbanas para fazer um levantamento contemporâneo do que tem sido realizado na cinematografia brasileira, ainda que sem financiamento e inventando respostas para as necessidades mais básicas do financiamento de filmes. Traz em seu título “a experiência da escassez” como marca da produção na e para a periferia e, em seu texto, aponta caminhos para se produzir, mesmo no fio da navalha.

Logo em seguida, Melissa de Oliveira faz uma abordagem dos cruzamentos entre as desigualdades de gênero, classe e raça, através das cenas midiáticas do caso do menino Miguel, filho de uma empregada doméstica que trabalhava em um prédio de luxo no centro de Recife. O menino caiu do nono andar, enquanto estava sob os cuidados da patroa de sua mãe. Essa situação é ponto de partida para trazer dados e questionamentos sobre a condição da mulher brasileira durante a pandemia.

Buscamos também debater o racismo estrutural num artigo que dialoga com os movimentos Black Lives Matter, que eclodiram mundialmente durante a pandemia, inclusive no Brasil. Jarret Martin Drake é arquivista norte-americano e debate um caso paradigmático: uma pesquisadora negra tenta recuperar judicialmente daguerreótipos de seus ancestrais escravizados, Renty e Delia, que se encontram nos arquivos de Harvard. São imagens captadas por um supremacista branco no século XIX, ex-professor da mesma universidade.

Indo por outros caminhos, o artigo de Rafael José é mais leve: propõe repensar nossa relação com o som, encarar com ouvidos atentos as alterações na paisagem sonora que a pandemia traz, e perceber as memórias afetivas e possibilidades presentes do formato “canção”. Começa com um relato pessoal para sugerir ressignificações de canções antigas e entendimentos de canções do tempo presente.

Monica Klemz aponta para o futuro, para a realização de um “Museu de um tempo estilhado”, projeto imersivo em andamento, que pretende colocar lado a lado realidade virtual e os sons e imagens dos desmontes de favelas na cidade do Rio de Janeiro. O foco é a remoção da comunidade Vila Autódromo, em Jacarepaguá. O artigo relata as dificuldades presentes para o andamento, em meio à pandemia, de um projeto inovador como esse.

A abordagem da Priscila Serejo, sobre o cotidiano de pesquisadores do audiovisual, traz variados exemplos de eventos do próprio Arquivo Nacional que abordam a pesquisa imagética e os seus caminhos. Versa sobre as dificuldades atuais da pandemia, que distanciam o pesquisador de seu habitat, o arquivo, e sobre como driblar essas dificuldades.

Já os dois últimos artigos têm um caráter mais institucional: Beatriz Kushnir nos entrega um relato sobre o projeto “Testemunhos do isolamento”, instituído pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) a partir do dia 16 de março de 2020. Debate a formação dessa coleção de relatos sobre as vivências da pandemia. São relatos em texto, mas também em som, fotografias e vídeos, recolhidos do site da instituição.

Ester Eiko, em seu artigo, descreve como as imagens do acervo audiovisual da TV Globo chegam até nós: quais os caminhos da descrição, catalogação, preservação e acesso. Aborda, ainda, as mudanças no formato de jornalismo da TV Globo durante a crise sanitária: o aumento do tempo dos telejornais ao vivo, as reprises de material arquivístico, a inserção de imagens de acervo na programação e a implementação do *home office*. São questões que percebemos através das TVs e celulares, e recebem, nesse artigo, uma sistematização bem ampla e interessante.

O Arquivo em Cartaz – Festival Internacional de Cinema de Arquivo finca mais uma vez raízes sólidas entre os festivais de cinema brasileiros, destacando-se não apenas pela exibição de filmes com imagens de arquivo, mas também como espaço de formação, reflexão e difusão dos acervos audiovisuais e da memória do cinema nacional. Agora explora pela primeira vez, pela imposição da realidade, territórios virtuais. Que nossos esforços sirvam para a reflexão e para arquivos cada vez mais integrados com as demandas profundas de nossa sociedade. Boa leitura!



Breve relato de dias de pandemia

Marcus Vinicius Pereira Alves

Licenciado em História. Ex-supervisor e atual técnico da Equipe de Processamento Técnico de Documentos Audiovisuais, Sonoros e Musicais do Arquivo Nacional

A pandemia me pegou em pleno voo. Mudança de casa, mudança de vida e mudança de planos para o futuro. Estava recém morando em um novo apartamento, não fazia um mês ainda, retomara um casamento interrompido há 24 anos e ambos fazíamos planos. E os planos agora deveriam incluir como desenvolver um trabalho produtivo de casa.

O primeiro passo foi configurar a conexão remota. Três dias de troca de mensagens de WhatsApp com os colegas da equipe de Tecnologia da Informação, dar a eles acesso remoto, acompanhar o cursor do computador se movendo sozinho, realizando a mágica e... pronto! Com o acesso liberado ao servidor de trabalho e ao de acervo, já podia começar a descrever os itens para disponibilizar as informações ao usuário, via Sistema de Informações do Arquivo Nacional (Sian).

Com dois funcionários do Arquivo trabalhando em casa e um único computador, foi preciso ajustar o tempo. Adotamos os turnos e tivemos de lidar com problemas como a invasão de turno alheio, por reuniões e emergências institucionais. Acordo feito, estava pronto, enfim, para dar continuidade aos trabalhos.

TV Tupi

Diante da necessidade imposta pela atividade remota de trabalhar com acervos em meio digital, precisei alterar o foco do meu principal interesse, o trabalho com películas cinematográficas. No Arquivo Nacional pré-pandemia, já vinha, eventualmente, alternando o trabalho nas películas com a identificação e descrição dos arquivos digitais referentes aos programas da TV Tupi, a primeira emissora de televisão, fundada por Assis Chateaubriand em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, e em 20 de janeiro de 1951, no Rio de Janeiro. São setenta anos de história da televisão brasileira comemorados este ano. Crises administrativas e financeiras resultaram no lento declínio da emissora, até sua concessão ser cassada pelo governo federal em 17 de julho de 1980, pouco antes de completar trinta anos no ar. A concessão cassada foi repassada, em 1981, a Silvio Santos (em São Paulo) e Adolfo Bloch (no Rio de Janeiro).¹ É da Tupi do Rio de Janeiro que vamos tratar.

¹ Cf. Verbete Rede Tupi na Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Tupi. Acesso em: 4 out. 2020.



Entre aqueles velhos programas de tevê dos anos 1970, para onde agora concentrava toda a atenção, um novo foco de interesse se destacava, o *Programa Flávio Cavalcanti*, do conhecido apresentador, famoso nas décadas de 1960 e 1970.

Nos seus áureos tempos, Flávio Cavalcanti chegou a ter dois programas por semana. *Um instante maestro*, às terças, e *A grande chance*, às quintas – este, um programa de calouros de tanto sucesso, que chegou a ter uma final no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A partir de 1970, ambos viraram um único *Programa Flávio Cavalcanti* que ia ao ar nos domingos à noite, às 18h.²

O programa, um misto de apresentações musicais e entrevistas, tudo acompanhado por uma bancada de jurados que fez história na cabeça dos que assistiram, permaneceu na Tupi até o fechamento da emissora, em 1980. Os programas da TV Tupi do Rio de Janeiro, que entraram no Arquivo Nacional em grandes rolos de fitas quadruplex,³ refletem, em sua maioria, a fase final da emissora, o período que vai de 1977 a 1980. Embora já sem o mesmo prestígio, ainda mantinha o mesmíssimo formato que o consagrara no início dos anos 1970, quando era assunto obrigatório nas noites de domingo. Era quando a família se reunia para assistir. Meus pais acompanhavam fielmente e eu ia, meio de carona, meio que obrigado. O horário das crianças era à tarde, quando víamos as séries (os famosos “enlatados”) que ficaram na memória de gerações, como *Jornada nas estrelas* (hoje, *Star Trek*), *Viagem ao fundo do mar*, *Túnel do tempo* ou, para retroceder ainda mais, *Bat Masterson* (série sobre um oficial de polícia sempre bem-vestido com seu chapéu-coco e sua inseparável bengala), *Rin-Tin-Tin* (sobre um cachorro que acompanhava uma unidade da Cavalaria dos Estados Unidos no final do século XIX) e o maior de todos entre



2 Ver: dicionariompb.com.br.

3 O formato Quadruplex é o primeiro formato de fitas magnéticas de vídeo, utilizado pelas emissoras de televisão no mundo do início dos anos 50 até meados dos anos 70.

a garotada, *National Kid* (série japonesa da década de 1960, ainda disponível nos serviços de *streaming*). Mas agora era a hora dos adultos, pois a televisão era uma só, nem pensar em ter mais de uma, nada de canais infantis, a internet ainda não nascera e não existia celular. Ficávamos todos grudados na tevê acompanhando o desenrolar do enredo, enquanto Flávio caprichava nos seus gestos teatrais e na imitação da voz, tirando e colocando os óculos, erguendo os dedos para chamar os comerciais, parando a orquestra quando bem entendia, quebrando discos que desaprovava – seja pelo gosto estético, seja pelo julgamento moral (e foi assim que o vi quebrar ao vivo o disco de Elizeth Cardoso por causa da música *Eu bebo sim*) – e criticando no ar qualquer um por quem demonstrasse antipatia. Com a crise e a emissora fechada, o programa passaria a ser apresentado nos anos seguintes na Rede Bandeirantes e no SBT, já sem sombra do prestígio de antes, até a morte do apresentador em 1986.

E às sextas-feiras à noite tinha o Clube dos Artistas, programa apresentado pelo casal Airton Rodrigues e Lolita Rodrigues, que apresentavam também aos sábados o *Almoço com as estrelas*, com cantores convidados e entrevistas. Assistindo agora, lembrei das poucas olhadelas que dava enquanto girava o seletor de canais da tevê em preto e branco. Para uma criança, aquilo tudo era muito chato. O olhar do adulto consegue descobrir preciosidades, uma apresentação de Luiz Melodia, outra de Sandra de Sá, Leny Andrade, uma entrevista com o humorista José Vasconcellos; aqui e ali, pequenas aparições passadas que vão ganhando mais e mais relevância com o tempo. E tinha o programa do canastra-mor, Carlos Imperial. O programa abria com ele correndo pela praia cercado de garotas de biquíni. Eram tempos de culto ao machismo, hoje talvez não durasse um fim de semana. E ainda João Roberto Kelly no seu programa *Conversa de botequim*, mantendo a tradição do samba carioca.

Por tudo isso, esses programas populares, mal avaliados pela crítica e pela elite da época, ganham um novo significado no olhar contemporâneo, tornam-se parte dessa história da televisão brasileira e também retrato de uma época, o final dos anos 1970. Os programas registram a fase final da TV Tupi, quando a emissora afundava em dívidas e a situação se tornava cada vez mais difícil. Aqui e ali transparecem problemas, seja nas falhas da produção do *Programa Flávio Cavalcanti*, motivos de comentários zangados do apresentador, na simplicidade beirando a pobreza dos cenários ou nas propagandas sem muitos recursos dos patrocinadores nos intervalos. A mais antiga emissora do país se mantinha e lutava para sobreviver, infelizmente não por muito tempo. Em 1980, a Tupi fechava as portas e um enorme acervo de filmes em película se dispersava. O pouco que sobreviveu nos arquivos se deve muito aos funcionários que lá trabalhavam, conscientes do valor daquelas imagens para a posteridade. O acervo de fitas de vídeos quadruplex foi reunido numa sala minúscula no último andar do prédio dos Diários Associados até ser doado, após algumas décadas, sujo e em péssimas condições, para o Arquivo Nacional, em 2005.⁴

4 A transferência para o Arquivo Nacional foi documentada em vídeo exibido no evento Recine naquele mesmo ano, que teve como tema a televisão.



Aos poucos, à medida que se consegue providenciar a duplicação das fitas, os programas vão sendo identificados e disponibilizados. Programas variados, como os já citados *Flávio Cavalcanti*, *Almoço com as estrelas* e *Carlos Imperial*, mas também coberturas de bailes de carnaval em clubes, um especial sobre Frank Sinatra, celebrando a sua passagem pelo Brasil – quando chegou a se apresentar para o maior público de sua carreira, no Maracanã –, cultos evangélicos, e muitos outros em fitas que aguardam a chance de ser identificadas e disponibilizadas.

O trabalho com fitas magnéticas revela algumas surpresas. Eventualmente nos deparamos com tesouros escondidos nos chamados “rabichos de fita”, pequenos trechos que sobreviveram aos apagamentos e regravações. Era prática corrente os programas serem gravados uns sobre os outros, por uma questão de economia. Fitas quadruplex, e mesmo as posteriores U-Matic e Betacam, não eram itens baratos, e não havia na época grande preocupação com a preservação dos registros. Muito da história da televisão se perdeu em incêndios, contudo talvez ainda mais se tenha perdido nas constantes regravações. Um exemplo desses tesouros foi a descoberta, no finalzinho da fita, de um pequeno trecho do programa *Abertura*, de 1980. Nele, o diretor de teatro José Celso Martinez Correia e o cineasta Noilton Nunes comemoram a recuperação do filme sobre a peça *Roda viva*. O documentário, filmado em 1971 no palco do Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, permanecera seis anos apreendido pela censura. Uns poucos minutos que fazem tudo valer a pena.

Fitas quadruplex são grandes e pesadas, e muito poucas instituições possuem equipamento capacitado para a leitura, na verdade apenas três que se tem conhecimento no Brasil (TV Cultura, TV Bandeirantes e TV Record), todas em São Paulo. O transporte é difícil e a digitalização de cada programa leva tempo. As fitas referidas acima foram todas digitalizadas na Record. Infelizmente – e só foi possível constatar isso ao ver o resultado, após as fitas terem sido devolvidas –, problemas na transcodificação dos vídeos resultaram em que programas originalmente produzidos em cores fossem digitalizados em preto e branco. Para termos uma correta digitalização, todo o trabalho teria de ser refeito mas, com tantas fitas e tanto trabalho pela frente, fica difícil olhar para trás. E assim seguimos.

Ibase

Concluído o trabalho de alimentação da base de dados com as informações do material digitalizado da TV Tupi, começou o trabalho com o Ibase. O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas foi criado em 14 de outubro de 1980, no Rio de Janeiro. Fundado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e os economistas Carlos Afonso e Marcos Arruda, fez parte da história da internet brasileira por ter criado o Alternex, primeiro provedor de acesso à internet no Brasil. Mas também criou, em 1993, a organização não governamental Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida – que, sob a liderança de Betinho, organizou a Campanha contra a Fome que mobilizou o Brasil – e o Centro Radiofônico de Informação Alternativa, origem do acervo sonoro depositado no Arquivo Nacional.⁵

Foi nesse acervo sonoro, um conjunto de 22 caixas contendo 1.085 fitas cassete, 153 fitas magnéticas de carretel aberto (mais conhecidas como “fita-rolô”), 18 CDs e sete fitas DAT, material apenas inventariado, com uma identificação básica que se permita induzir o seu conteúdo, que eu mergulhei durante meses e onde continuo navegando. Primeiramente, um pequeno lote de 22 programas, a série *Tá na onda*,⁶ todos de 1996, gravados no auditório da Rádio MEC, com debates de interesse dos jovens de ontem e de hoje. Estão lá os problemas das drogas, fome, meio ambiente, mercado de trabalho, racismo, educação etc. Trabalho inicializado e finalizado durante a pandemia. Todos os programas já continham arquivos digitais matrizes, formato wave.⁷ Cópias (derivadas) foram produzidas em MP3⁸ e hoje todo o conjunto se encontra disponível para acesso no Sistema do Arquivo Nacional, o Sian. Vale ressaltar a atualidade dos temas em pauta, até mesmo nas discordâncias, como acontece no debate sobre drogas, em que uma discussão sobre liberação da maconha cresce perigosamente exigindo a intervenção da mediação, aliás sempre bem conduzida pela jovem Andreia Ponte.

E depois a série de programas *Notícias do Brasil*: nove caixas (14 a 22), contendo 459 fitas do programa. Até a finalização deste texto já tinham sido descritos, organizadas as matrizes digitais e disponibilizados no Sian os registros referentes a 52 fitas. Programas que acompanham a tensão crescente do período pré-eleições presidenciais de 1989, com a disputa se acirrando até o segundo turno, quando se deu o embate final entre Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva. O jornal não se furta a tomar partido, ao contrário, por vezes assume o tom da cam-

5 Ver: <https://www.acaodacidadania.org.br>.

6 Notação BR RJANRIO HA.0.DSO, PTO.

7 *Waveform Audio File Format* ou simplesmente wave é um formato de arquivo de áudio desenvolvido pela Microsoft junto com a IBM. Lançado em 1991, o wave é frequentemente visto como um formato de áudio sem perda e com grande qualidade de som.

8 O MP3 é um dos primeiros tipos de compressão de áudio com perdas quase imperceptíveis ao ouvido humano. A redução do tamanho do arquivo é de cerca de 90%, ou seja, o arquivo passa a ter 1/10 do tamanho original.

panha da Frente Brasil Popular, liderada por Lula. E, entre o tema principal das eleições, presente em praticamente todas as edições daquele ano, acompanhamos as lutas dos seringueiros do Acre diante dos ataques ferozes de grileiros, o sonho da reforma agrária, o debate sobre racismo no Brasil, o problema dos menores nas ruas, a luta dos ecologistas por uma nova concepção de desenvolvimento, além das curtas e deliciosas entrevistas com compositores mais conhecidos como Aldir Blanc, Joyce, Guinga, ou menos, como Gilvan Santos e Ziza, mas que tiveram relevância em momentos fundamentais como a greve da Companhia Siderúrgica Nacional em 1988. E também teatrólogos (Augusto Boal), atrizes (Lucélia Santos e Henriqueta Brieba), poetas (Caio Trindade, Anderson Guimarães, Azulão), entre outros. A partir de 1990, o jornal assume uma posição clara de oposição ao governo Collor e sua política econômica.

Trabalhar com arquivos e, mais especificamente, com fontes primárias é beber a história na origem. No meu caso é mais que isso, é reviver cada momento. Vivenciei de perto as eleições de 1989, fiz campanha por Leonel Brizola e sofri quando foi ultrapassado por Lula às vésperas da eleição no primeiro turno. Recuperei e cantei alto o “Lula Lá”, me revoltei contra a cobertura parcial da principal emissora de tevê, e mais ainda com a vitória do “Caçador de Marajás”. E ouvindo as coberturas dos programas, as vozes dos locutores, as entrevistas, os comentários de analistas políticos, revivo o sentimento daquela época. E de registro em registro, passo a passo, acompanho o desenrolar daquela história que a gente já sabe aonde vai dar. Imbuído de sentimentos, mas atento ao rigor da descrição, espero a chegada dos primeiros ventos da Conferência ECO-92. Foi no Rio de Janeiro e eu estava lá.

Trabalhar em casa acaba deixando uma nostalgia do cheiro dos rolos das antigas películas, às quais tantos anos foram dedicados, mas essa interrupção, embora longa, vai ter um fim. Reinvenção é a palavra da moda a que todos temos que nos adaptar. Pois reinventados nos tornamos, conectados em redes virtuais ou não, renovando parcerias e planos. Estes últimos incluíam até uma aposentaria para muito breve, mas a possibilidade de permanência do trabalho remoto deu a tudo um novo ânimo. Se ele se tornar definitivo como parece, talvez essa aposentadoria seja adiada. Um plano surgido e possibilitado pela pandemia. A tal reinvenção.